

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Antropologia

Sophia de Oliveira Costa e Silva

Fogos de artifício:
imagens, mitos e símbolos

Blucher

Fogos de artifício: imagens, mitos e símbolos

© 2018 Sophia de Oliveira Costa e Silva

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Costa e Silva, Sophia de Oliveira

Fogos de artifício : imagens, mitos e símbolos / Sophia
de Oliveira Costa e Silva. – 2. ed. – São Paulo : Blucher,
2018.

98 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-345-3 (e-book)

ISBN 978-85-8039-344-6 (impresso)

1. Antropologia 2. Fogos de artifício 3. Semiótica
4. Embalagens 5. Comunicação visual 6. Iconografia
7. Simbolismo I. Título

18-1548

CDD 306

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Antropologia

Sophia de Oliveira Costa e Silva

Fogos de artifício: imagens, mitos e símbolos

2ª edição

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Danielle Perin Rocha Pitta

Dedicatória

*“Um pai, ainda o mais pobre, tem sempre
uma riqueza para deixar ao filho: o exemplo”.*

Coelho Neto

*Dedico esta Dissertação aos meus pais:
Irineu da Silva Neto e Iraneide de Oliveira Costa e Silva*

Agradecimentos

Agradeço a Profa. Dra Danielle Perin Rocha Pitta pelos conhecimentos que me foram transmitidos em suas aulas, demonstrando amor e dedicação ao Imaginário, e pela gentileza de ser minha orientadora neste trabalho.

À Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira, pelo apoio e incentivo, por me transmitir a determinação em defender minhas idéias. Por me demonstrar com sensibilidade os primeiros conhecimentos em Antropologia.

Às amigas Dione Barreto e Daniele Sátiro, que abriram as portas de suas casas para nosso grupo de estudo, me incentivando e ajudando durante o processo de seleção.

À minha irmã do peito, Elisabete Menezes, por saber “puxar minhas orelhas” na hora certa!

A Socorro Figueiredo e sua família, pelos livros emprestados, pelas orientações, pela acolhida em sua casa.

Ao Sr. Paulo Cascão e filho, proprietários do Bazar Guarany, pela gentileza de sua entrevista e por me deixarem usar seu estabelecimento para fotografar as embalagens.

A Helio e Beatriz Coutinho e Marcelo Cartaxo, da Mentor, pelo apoio.

À Fundação Joaquim Nabuco, por me disponibilizar seu acervo de embalagens, em especial às suas funcionárias Marja e Albertina pela atenção dispensada.

Aos meus pais, pelo apoio e financiamento deste mestrado; ao meu irmão Heber, pelas traduções de inglês e francês; e ao meu irmão Abner.

A Deus, pela força e esperança.

Resumo

Que imagens nos transmitem tantas lembranças quanto às celebrações junto aos nossos entes e amigos queridos? Dentre as lembranças, certamente estão as das festas juninas. A reunião em família, as comidas típicas, a fogueira acesa e as crianças encantadas com pequenas estrelas derramadas de suas mãos. Partindo dessas imagens, decidimos ingressar em um mundo nostálgico, pois, segundo Gaston Bachelard (1999:11), “*o fogo e o calor nos fornecem meios de explicação nos domínios mais diversos, porque é, para nós, a ocasião de lembranças imperecíveis, de experiências pessoais simples e decisivas*”.

A partir do trabalho de graduação realizado no curso de Design Gráfico (UFPE, 1998) sobre a iconografia das embalagens de fogos, encontramos resultados que estimularam nossa curiosidade e nos instigaram a continuar o estudo sobre as imagens dos fogos de artifício no campo do simbólico, do Imaginário.

Para este estudo, escolhemos as festas juninas como campo de observação. No primeiro capítulo, observamos que o fogo, enquanto símbolo, é polivalente. Atentamos, então, aos seus vários aspectos trilhando o caminho dos mitos e sua relação com as festas de junho. No capítulo segundo, contextualizamos as embalagens de fogos de artifício, esclarecendo o que é a embalagem e qual a importância da sua linguagem visual. Ainda desvelamos os fatos significantes das décadas de 1950 e 2000, períodos escolhidos para análise das imagens das embalagens. No terceiro e último capítulo realizamos a análise das imagens, relatamos os resultados encontrados e sua importância.

Escolhemos como método de análise a mitocrítica elaborada por Gilbert Durand (1983). A mitocrítica é um método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor que põe a descoberto um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora e o(s) mito(s) que atua(m) por trás dela.

Acreditamos que, através do estudo que apresentamos, tenhamos revelado não só o universo simbólico das embalagens de fogos de artifício, como também a importante relação interdisciplinar entre a Antropologia do Imaginário e o Design Gráfico.

Palavras-chaves: Fogos de Artifício, Fogo, Imaginário, Embalagens.

Abstract

Which images are more appealing to us than those of the celebrations that we hold together with our relatives? Among these memories, certainly are those of the feast of Saint John. The family meetings, the typical dishes, the crackling bonfire and children enchanted with the little stars that flow out of their hands. From these images, we have decided to enter a nostalgic world, because fire and heat provide us with means of explanation in the most diversified areas, because it is, to us, the occasion of enduring memories, simple and decisive personal experiences (BACHELARD 1991:11).

In the work done in the graduation monograph (that resulted from the Graphic Design majoring at UFPE in 1998) about the iconography of fireworks packaging, we have found results that were interesting enough to stimulate our present study about fireworks packages within the symbology field, the Imaginary.

We have chosen Saint John's feast as our field of observation. In the first chapter, we show that fire, as a symbol, serves to multiple purposes. We have focused our attention on its various forms following the path of the myths and their relationship with the feasts held in the month of June. In the second chapter, we study the context of fireworks packaging, clarifying the concept of packaging and the importance of its visual language. Then we go through significant facts in the 1950's and 2000's, decades from which we have chosen the packages for analysis. In the third and last chapter, we analyze the images of the packages and we tell which results were found and their importance.

We have decided to use as a method of analysis the mythcriticism elaborated by Gilbert Durand (1983). Mythcriticism is a method of criticizing literary texts, the style of a collection of texts of a certain period or a given author that uncovers a mythical nucleus or a founding narrative and the myths that works underneath it.

We believe that through the study here presented we have revealed not only the symbolic universe of the fireworks packaging, but also, the important interdisciplinary relation between Anthropology of Imaginary and Graphic Design.

Keywords: Fireworks, Fire, Imaginary, Packaging.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Este rótulo de uma caixa de sabonetes franceses (entre 1900-1909) se inspira fortemente no estilo Art Nouveau	42
Figura 2 – Destinadas às mulheres fumantes, estas caixas de cigarros são elegantes ou exóticas e exibem, no caso da caixa de <i>Du Maurier</i> , um magnífico <i>design art decó</i>	43
Figura 3 – A famosa lata de sopa <i>Campbell's</i> transformada por Andy Warhol em ícone da Art Pop	44
Figura 4 – Esta lata <i>Toffees Sharpe</i> da era espacial evoca a fascinação dos anos 1950 pela ficção científica e pelas histórias em quadrinhos infantis	51
Figura 5 – Azulejos Holandeses no Convento de Santo Antonio do Recife – 1959. Design: Gastão de Holanda. Ilustração: Adão Pinheiro.....	52
Figura 6 – Exemplo de rótulo impresso em litografia. Oficina Guaianases de Gravura – Olinda – 1984.....	55
Figura 7 – Embalagens em forma de cabaça e pedra de rio, perfumes elaborados com matérias-primas da flora brasileira – Natura Cosméticos	62
Figura 8 – Marcianito – Fábrica Júpiter – Febre entre as crianças durante o São João	68
Figura 9 – São João do Cordeirinho – Traques Confiança	70

Figura 10 – O degradê é um recurso gráfico muito utilizado nas embalagens de fogos, representação simbólica do arco-íris	71
Figura 11 – Vesúvio Brilhante – Fogos Adrianino, déc. 1950 – Acervo da Fundação Joaquim Nabuco	74
Figura 12 – O escoteiro – Fogos Adrianino, dec. 1950. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco	77
Figura 13 – Muitas das embalagens atuais são inspiradas, entre outras coisas, nos desenhos japoneses. Abaixo, personagem de (quadrinho japonês) e embalagem Baby Flash – Fogos Júpiter	81

Conteúdo

Introdução	17
O fogo e seus aspectos	21
Fogo: natural e simbólico	21
Fogo: presente dos deuses.....	22
Fogo divino.....	24
Fogo e luz	27
Fogos de artifício	28
A festa do sol	32
A festa do fogo.....	35
A embalagem	39
O que é embalagem?.....	39
A linguagem visual da embalagem e sua construção	40
Contextualizando	46
Anos 1950.....	47
Anos 2000.....	56
Análise e reflexão	65
Mitema	65
Análise.....	66
Imagens – década 2000	66
Imagens – década 1950	72

Primeira avaliação	79
Algo mais.....	79
Bibliografia.....	83
Referências de internet.....	89
Anexos.....	91

Introdução

Que imagens nos transmitem tantas lembranças quanto as celebrações junto aos nossos entes e amigos queridos? Dentre as lembranças, certamente estão as das festas juninas. A reunião em família, as comidas típicas, a fogueira acesa e as crianças – que um dia também fomos – encantadas com pequenas estrelas derramadas de suas mãos. As festas de junho no nordeste brasileiro deixam no ar um sentimento dos velhos tempos, e mesmo quem não esteve lá pode sentir.

Partindo dessas imagens, decidimos ingressar em um mundo nostálgico. Uma simples imagem de uma noite junina, quando estrelinhas brilhavam no escuro sob a lua cheia, nos traz de volta à memória uma lembrança carinhosa da infância. Gaston Bachelard (1999:11) diz que “*o fogo e o calor nos fornecem meios de explicação nos domínios mais diversos, porque é, para nós, a ocasião de lembranças imperecíveis, de experiências pessoais simples e decisivas*”. Mas as lembranças precisam de conexões e impulsos que as tragam à mente e, em nosso caso, surgiram a partir do contato com as imagens das embalagens dos fogos de artifício do acervo da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), as quais nos serviram de objeto de estudo para o projeto de graduação no curso de Bacharelado em Design Gráfico¹. A partir de uma análise gráfica das embalagens, encontramos resultados interessantes, dentre esses podemos exemplificar o uso da cor: quase 100% da amostra colhida continha um fundo negro ou similar, como o azul-marinho. Pela composição gráfica das imagens, não foi difícil associar a cor escura à noite e concluímos que esta perdia sua característica obscura e medonha. Isto é, para se soltar fogos, a noite é uma aliada, o escuro enfatiza a luz (COSTA E SILVA, 1999). Outros resultados foram encontrados estimulando a curiosidade e nos instigando

1 COSTA E SILVA, Sophia de O. *Embalagens de Fogos de Artifício*. Projeto de Graduação, UFPE. Recife, 1999.

a continuar nossos estudos sobre as imagens dos fogos no campo do simbólico, do Imaginário.

Entendemos que, além de sua função comercial, as embalagens reproduzem uma parte da cultura através da iconografia, mesmo que involuntariamente. Roland Barthes (1957), num artigo consagrado à importância da publicidade mitológica dos saponáceos e detergentes na vida moderna, evidenciou as qualidades do líquido purificador como representantes publicitários do arquétipo policial e justiceiro do arcanjo puro e vitorioso sobre negros demônios. Apesar de não ser um exemplo relacionado especificamente ao fogo, trata-se em essência do mesmo objetivo de nosso trabalho, ou seja, demonstrar que as embalagens não são simples objetos descartáveis de consumo desprovidos de significados. cremos que sua iconografia transita nos itinerários mítico-mágico-simbólico e empírico-lógico-racional (MORIN, 1998), guardando em si os aspectos da nossa cultura, tornando-se representação gráfica de nossas visões de mundo, nossos gostos, nossos desejos. Sem dúvida não podemos analisar a iconografia das embalagens de fogos de artifício sem estudar a importância e significado em nossa cultura desse *fogo que materializa a festa dos homens* (BACHELARD, 1999:24).

No primeiro capítulo observamos que o fogo, enquanto símbolo, é polivalente. Atentaremos, então, aos seus vários aspectos trilhando o caminho dos mitos.

Escolhemos as festas juninas como campo para nossas observações. Esta escolha partiu da relação intrínseca entre os fogos de artifício e as festas do mês de junho, período em que se utiliza mais intensamente este produto.

Examinando alguns aspectos dos rituais juninos, encontramos a ligação do fogo com o sentido de purificação e, por conseqüência, com o divino. Soltar fogos não seria apenas uma diversão: dentro da alma humana, seria também um anseio de dominar o céu, de criar estrelas e se igualar aos deuses em poder e imortalidade. Segundo Gilbert Durand, esse é um dos principais esforços do homem: superar a morte.

O fogo-luz não está dissociado do incinerador, representado nas festas juninas principalmente pela fogueira. Ambos fazem parte dos ritos de purificação, característicos das culturas agrárias.

As festividades juninas estão impregnadas de símbolos e ritos que foram assimilados e ressignificados pela Igreja Católica para lhes retirar o sentido pagão e que se transformaram em tradição. Como em outras festividades brasileiras, o sagrado e o profano estão imbricados e são inseparáveis.

Assim, podemos observar que o fogo, em suas diversas manifestações físicas, está muito presente em nossas festas juninas: é o que incinera a madeira nas fogueiras, o calor que cozinha os alimentos tradicionais dessa época, as luzes que nos encantam num espetáculo pirotécnico. Diz Bachelard (2002:09) que “*a chama, dentre os objetos do mundo que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens. Ela nos força a imaginar*”.

No capítulo segundo, contextualizaremos as embalagens de fogos de artifício, esclarecendo o que é a embalagem e qual a importância da sua linguagem visual. Ainda desvelaremos fatos significantes das décadas de 1950 e 2000, períodos escolhidos para análise, conforme expomos a seguir.

Iniciamos selecionando dois grupos de imagens que tivessem uma representação gráfica do universo simbólico ao qual os fogos de artifício estão vinculados. Escolhemos embalagens de décadas distintas para uma possível comparação dos símbolos existentes nos dois períodos.

O primeiro grupo é composto por 29 embalagens da década de 1950, encontradas no acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Esta década foi escolhida por ser o período mais antigo registrado no acervo, não constando embalagens de datas anteriores em quantidade suficiente para análise. O segundo grupo é composto por 30 embalagens da década de 2000. Escolhemos esta década pelo acesso às embalagens que estão atualmente no mercado.

Escolhidos os períodos, partimos ao campo para colher informações com barraqueiros e comerciantes do ramo pirotécnico durante as festas juninas de 2004. O objetivo desse contato era captar as mudanças observadas por eles nas imagens das embalagens. Outras visitas ao campo se realizaram por mais três meses, no período de julho a setembro do mesmo ano, para captação de informações e imagens. Carregados dessa “bagagem”, passamos ao estudo do objeto em si.

No terceiro e último capítulo, realizamos a análise das imagens e expomos seus resultados. Escolhemos como método de análise a mitocrítica elaborada por Durand (1983). A mitocrítica é um método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor que põe a descoberto um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora e o(s) mito(s) que atua(m) por trás dela. Ela desvela um nível de compreensão maior que se alinha com os grandes mitos clássicos.

Durand estabelece três momentos para a identificação dos mitemas e do mito diretivo do “texto cultural”:

- 1) Um levantamento dos elementos que se repetem de forma obsessiva e significativa na narrativa e que são as sincronias míticas da obra.
- 2) Um exame do contexto em que aparecem, das situações e da combinatória das situações, personagens e cenários, etc.
- 3) A apreensão das diferentes lições do mito (diacronia) e das correlações de uma lição de um mito com as de outros de uma época ou espaço cultural determinados.

Apesar do método, a princípio, ter sido elaborado para textos literários, Durand o adequou perfeitamente à análise de obras de artes e imagens, como podemos ver em seu livro sobre o pintor português Lima de Freitas (DURAND, 1987).

Seguimos, então, para a observação e análise da cada embalagem, onde analisamos as imagens de cada década separadamente, para comparação das descobertas. Elaboramos uma ficha onde foram inseridas a descrição e observação dos elementos gráficos mais importantes. A partir dos textos das fichas de análise, observamos os elementos redundantes nas imagens, que foram separados em mitemas².

Encontrados os mitemas, selecionamos os quatro mais significativos e representativos de cada década. A partir daí analisamos os símbolos que constelam cada mitema, pondo a descoberto seus significados e suas relações com a cultura brasileira, especialmente as festas juninas. A ordem de análise foi inversa ao tempo cronológico. Preferimos iniciar com a década de 2000, pois estabelecendo parâmetros a partir da atualidade identificamos com mais facilidade as diferenças e semelhanças com as imagens da década de 1950.

Para a interpretação dos mitemas, utilizamos principalmente o *Dicionário de Símbolos*, dos autores Jean Chevalier e Alain Gheerbrant; *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, de Gilbert Durand; *Tratado de História das Religiões*, de Mircea Eliade; e obras de Gaston Bachelard referentes ao fogo. Havendo também consultas específicas a outras bibliografias e pesquisas na Internet.

Alguns autores tiveram significativa importância para nosso estudo: buscamos em Bachelard a sua poética do fogo e a inspiração para escrever um texto com palavras ao mesmo tempo repletas de sentimento e da objetividade acadêmica necessária; em Durand, encontramos a teoria das estruturas do imaginário, coluna fundamentadora de nosso trabalho. Utilizamos, como citado acima, sua *mitocrítica* como metodologia de análise das embalagens de fogos; Mircea Eliade, com sua dedicação aos detalhes, nos levou ao universo do simbolismo religioso; Georges Balandier e Edgard Morin nos fizeram conhecer o imaginário da modernidade e suas implicações; em Fabio Mestriner, encontramos o universo das embalagens e da construção de sua linguagem visual. Esses, entre outros autores e fontes, deram-nos as informações necessárias para levar ao leitor os simbolismos do fogo e sua relação com nossa cultura, mais especificamente as festas juninas.

Acreditamos que, através desse estudo, tenhamos revelado não só o universo simbólico das embalagens de fogos de artifício, mas também, a importante relação interdisciplinar entre a Antropologia do Imaginário e o Design Gráfico.

2 As noções sobre *mitema* constam na introdução do terceiro capítulo.